

## **“Fazendo Justiça à Marx”: a *New Left Review* e a teoria marxista depois do Comunismo.**

**RUBEN MACIEL FRANKLIN\***

As primeiras palavras que a *New Left Review* (NLR) imprimiu no editorial que encerrou o ano de 1993, denominado “Problemas Pós-Comunistas”, sintetizam e expressam o que foi uma preocupação comum entre seus editores e colaboradores, dividindo opiniões e protagonizando acirradas controvérsias durante os anos 1990: a vitalidade da teoria marxista após a falência do Comunismo. Dar-se início ao editorial com a seguinte passagem: “A reavaliação crítica da teoria Marxista adquiriu ritmo com a queda do Comunismo”. (NLR 202, 1993: 1) Uma introdução que objetivava dar suporte para a subsequente apresentação do artigo escrito pelo sociólogo marxista norte-americano Erik Olin Wright, cujo teor esboçava os problemas teóricos enfrentados por este autor durante os anos 70 e 80, os quais apontavam para o uso do conceito de classe em Karl Marx. A NLR explora seu pensamento a partir do momento em que o mesmo se atém “(...) a relação entre Marxismo como análise de classe, como emancipação de classe e como uma teoria da história.” (NLR 202, 1993: 1) E, de fato, a edição da revista se mostrou ainda mais entrelaçada com o que chamou de “três pontos/nós de intersecção” do marxismo que, muito embora não os enxergasse mais enquanto pontos que se reforçavam mutuamente como no paradigma clássico, assinalou a centralidade do conceito de classe “(...) para explicar processos históricos e as possibilidades de emancipação, como Wright ilustra a partir de uma discussão de classe média, classe baixa e aliança de classe dentro da sociedade capitalista contemporânea.” (NLR 202, 1993: 1)

É sintomático que ao prosseguirmos na leitura dos “Problemas Pós-Comunistas” venhamos a nos confrontar com um parágrafo bastante elucidativo no que se refere às inquietações que frequentavam a cabeça daqueles que dirigiam e orientavam a “agenda intelectual” da revista; entendendo também, nessa direção, os condicionantes que proporcionaram tal leitura apaixonada de E. O. Wright no interior de um dossiê explicitamente dedicado a explanar os possíveis tipos de enfrentamentos colocados àqueles

\*Doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (Cnpq).

ainda engajados na luta pela emancipação humana em face ao desaparecimento das Repúblicas Soviéticas. O parágrafo afirmava que:

*O Pós-Comunismo é também o contexto para a reavaliação de Karl Kautsky feita por Peter Wollen, a um tempo “papa” do Marxismo consignado por Lênin e Trotsky para a lata de lixo da história. Dentro do pouco conhecido texto de Kautsky Bolshevism at a Deadlock (Bolchevismo em um impasse), publicado em 1930, Wollen encontra uma impressionante análise das contradições básicas do sistema soviético, ainda extremamente relevantes para entendermos as contradições nas quais a União Soviética eventualmente entrou em colapso mais do que meio século depois. (grifo nosso) (NLR 202, 1993: 1)*

O Pós-Comunismo passava a ser encarado enquanto contexto para a reavaliação crítica do marxismo, momento no qual as releituras de suas expressões teóricas e de seus textos, eventualmente, renegados a “lata de lixo da história” começaram a ser percebidas (e influenciar) mais expressivamente na escrita do jornal. Os motivos que levaram o crítico de cinema e escritor inglês Peter Wollen a se debruçar sobre as “velhas” páginas do *Bolshevism at a Deadlock* - e, conseqüentemente, ser relacionado pela NLR para dialogar com as ideias de Wright, como indivíduos que desenvolveram seus escritos a partir de preocupações que repercutiam uma experiência histórica comum - nos trazem indícios significativos para identificarmos um dos problemas detectados pelos editores para o esse mundo pós-comunista. Há uma tentativa primeira de contrapor a análise do filósofo marxista germânico Karl Kautsky, indivíduo que foi alvo de muitas controvérsias com Lênin e Trotsky logo após a Revolução de 1917, das doutrinas que cercearam o programa socialista soviético. Por último, esta revisão sobre seus escritos é redirecionada para as circunstâncias contemporâneas, de forma que o marxismo se mostrasse não apenas palatável para explicar as contradições que levaram a URSS ao colapso, bem como evidenciasse o caráter ativo de seus métodos, teorias e programas para além do destino do comunismo soviético.

A disposição recíproca pela qual acessamos os artigos de Wright e Wollen nos faz crer que o problema observado inicialmente pela revista foi, senão, dissociar o marxismo do

stalinismo. Uma tarefa que exigia um confronto aberto para com as teorias triunfalistas de direita que adquiriram destaque após o fim da Guerra Fria; talvez, por isso, esse mesmo editorial que se mostrou tão provocativo em relação à reafirmação da luta de classes e as críticas ao *Bolshevism* tenha assinalado também que “Em 1989, Francis Fukuyama reivindicou que o colapso do bloco soviético assinalou a falência conclusiva de todas as alternativas para o capitalismo liberal democrático.” (NLR 202, 1993: 1) Falência esta que incluía o atestado de óbito do marxismo, assim como de qualquer perspectiva totalizante de interpretação do social, através da retórica que fazia correspondência direta entre os trabalhos de Marx e o “socialismo atualmente existente”. O historiador marxista catalão Josep Fontana, atualizando sua obra *História dos Homens* a partir dos eventos de 1989-91, assim, sintetizou como a “queda do muro” e a imediata ruína do “socialismo real” foram interpretadas e difundidas pelos ideólogos de Washington: “Supunha-se que o fato, sozinho, bastava para negar legitimação intelectual a qualquer projeto que tivesse relação não só com o marxismo, mas com qualquer postura que desse apoio à ideia de que era possível uma transformação substancial da sociedade.” (FONTANA, 2004: 413 e 414) Uma impressão que pode muito bem ser entendida como a leitura que perpassou o “intelectual coletivo” da NLR, penetrando-a quanto à necessidade de planejar uma revisão do marxismo ao passo que concentrava muito de sua força em atacar o projeto neoliberal e a *shock therapy* no Leste europeu.

Fontana também sentiu o crescimento dessa tendência entre as páginas do periódico, tanto que ao acessar o destino das correntes de pensamento historiográfico – depois da crise de 89 - assinalou que “(...) o tipo de pseudomarxismo catequista da União Soviética e Europa oriental ruiu junto com os regimes a que servia, (...)” não ignorando, porém, que esse pseudomarxismo diferia significativamente de um setor mais vivo que sobrevivera à crise, justamente “(...) o que tinha por modelos historiadores como Eric Hobsbawm ou E. P. Thompson, (...), tendo sido realizado um esforço para encontrar novos caminhos, sem renúncias que levassem a abdicar de princípios progressistas.” (Id. Ibid: 414) Não doravante faça a defesa de nomes diretamente comprometidos com a fundação e as primeiras discussões concernentes a Guerra Fria da NLR, o marxista constrói seu texto a partir do cruzamento de artigos publicados pela revista e que corroboram com sua hipótese de que o materialismo

histórico ainda persistia vivo e criativo na busca por “novos caminhos”. John Gray, resenhado por Andrew Gamble (NLR 236: 1999) e Immanuel Wallerstein (1999) são, nesse quesito, explorados como matéria para adentrar as contradições do capital no que se refere a uma “economia mundial anárquica” e a “desilusão popular” quanto às reformas graduais prometidas pelo liberalismo. Já o texto de Jacques Derrida (NLR 205, 1994), publicado na *Review* como um fragmento de seu livro *Spectres of Marx*, por sua vez, foi exposto com a intenção de promover uma crítica aos ditames pós-modernos que desconsideravam o estudo analítico-empírico e as grandes interpretações (marxismo, socialismo, cristianismo e ideologia do progresso) em prol da análise do discurso. A contradição, para Fontana, residia no fato de um teórico pós-moderno como Derrida - cujos preceitos iam de encontro à possibilidade real de se escrever histórias válidas - atacar o “fim da história” de Fukuyama, “(...) dizendo que nunca como agora ‘a violência, a desigualdade, a exclusão, a fome e, portanto, a opressão econômica afetaram os seres humanos na história da terra ou da humanidade’”. (FONTANA, 2004: 436) Para o historiador, tal afirmação “(...) só pode ser feita a partir do interior da história e requer mais conhecimentos para precisá-la do que ele (Jacques Derrida) provavelmente tem.” (Idem) Conhecimentos que, não obstante, o próprio autor vai erigindo por meio de um complexo diálogo entre estas distintas visões.

Ainda nessa linha, importa-nos igualmente sublinhar o olhar clínico de Fontana para com o ensaio de Gregor McLennan (NLR 218, 1996: 207 - 235), não perdoando sua frágil versão de esquerda “(...) que considera que o pós-modernismo pode ajudar-nos a vencer ‘os quatro pecados do modernismo’: reducionismo, funcionalismo, essencialismo e universalismo, (...)” a qual mantinha uma pretensa “(...) tentativa de nos apresentar um Marx pós-moderno.” Tais posturas depreciativas para com os textos de Derrida e McLennan lançados pela *Review* - cujas proposições teóricas se afastam daquelas propostas por Wollen, Wright, Wallerstein -, entretanto, não nos permite caracterizá-la como um veículo ambíguo e/ou desprovido de coesão ideológica. A reavaliação crítica da teoria Marxista requeria, sobretudo, a incorporação de vozes dissonantes no interior de uma leitura do mundo que começava a se mostrar em muito complexa. Esse enfrentamento pós-comunista não poderia ser realizado fora das questões globais que ecoavam diretamente no tratamento dado as

interpretações marxistas baseadas na luta de classes, na ação coletiva e nas perspectivas totalizantes direcionadas a compreensão da *New World Order*.

Sendo assim, o que encontramos na NLR é um espaço “público” de discussão sobre até que ponto a “crise de 89” havia afetado a maneira pela qual os interlocutores de Marx, fossem marxistas, liberais ou pós-modernos, passaram a encarar sua atividade intelectual quanto às exigências práticas que colocavam um capitalismo globalizado frente a frente com (in)viabilidade de uma teoria social mais geral. Jacques Derrida, por esse motivo, apareceu não coincidentemente em um dossiê intitulado “Desconstruindo o Capital” - de maio-junho de 1994 - uma vez observado sua insistência em reconhecer o legado Marxista por intermédio de “(...) uma metáfora inter-relacionada, sobre a dívida intelectual devida para Marx e sobre o mundo da dívida que tão cruelmente estrutura as vidas da maioria empobrecida da humanidade.” (NLR 205, 1994: 1) A intenção do editorial em demonstrar o potencial do legado marxista, aplicando-o as mais urgentes necessidades de compreensão e crítica do “presente vivido” é, então, revelada na frase ulterior, que diz:

*Marx era extraordinariamente consciente de que seu pensamento delimitava-se aos tempos em que ele viveu, entretanto, ele considerou algo na lógica desenfreada do capitalismo que ainda está conosco. Como Derrida observa, a tarefa de trabalhar através da nossa dívida para com o pensamento de Marx, e superar a realidade dividida e perigosa que este procurou compreender, desmente o fácil triunfalismo ocidental que cumprimentou o colapso do marxismo histórico. (Idem)*

O marxismo histórico não entrara em colapso via desmoronamento do comunismo soviético, conclusão que desmentia a fácil associação entre ambos. Pelo contrário, sua forma de explicação dialética, procurando sempre as causas estruturais, delimitando a ação humana no interior de suas conjunturas específicas e, singularmente, capaz de elucidar a “lógica desenfreada do capitalismo” agora hegemônico se tornava ainda mais essencial; sobretudo, quando se pensava na superação de uma realidade cada vez mais “dividida e perigosa”. Um posicionamento que interpela diretamente a ocasião na qual as ideias de Gregor McLennan vieram à publicação no dossiê “Os Fantasmas da Iugoslávia”, datado de julho-agosto de 1996.

Para este momento, carente de explicações estruturais que recaíssem sobre a liderança dos Estados Unidos e sua omissão em garantir uma paz negociada na Bósnia, - sancionando a “limpeza étnica” Croata e Sérvia e “(...) dando não mais para os Bósnios do que tivera oferecido antes (durante a guerra, entre 1992 e 1994).” (NLR 218, 1996: 1) – a NLR rejeitou as controvérsias que empregavam os “jargões pós-modernos” na finalidade de acusar qualquer teoria de reducionismo, funcionalismo, essencialismo ou universalismo; para os editores, “estas acusações têm, logicamente, sido frequentemente dirigidas ao Marxismo.” (Id. Ibid: 2) E é pensando no *status quo* do marxismo que se propõe a exposição de uma “leitura atenta” do livro *The Politics of Truth* (As políticas da Verdade), escrito por Michèle Barret, desenvolvida por McLennan; a partir desta revisão – não citada por Josep Fontana – ficamos sabendo que o revisor tomava partido de todos esses termos desprezados pelos pós-modernos, os quais, para ele, “(...) são essenciais para qualquer forma útil de atividade intelectual” (Idem). Segue-se, daí, uma pesada crítica da NLR (via McLennan) aos princípios norteadores do pós-marxismo, uma vez que, “a celebração pós-moderna da particularidade, por exemplo, é autodestrutiva porque qualquer análise de um nível do particular pode ser minada por outras análises ainda mais particularistas; sem uma teoria mais geral é impossível dizer quando parar.” (Idem)

Uma teoria mais geral que parece ter sido a tônica dos três ensaios de Joseph McCarney lançados na *Review* entre 1991 e 1993, ao ritmo de um por ano. O que não significava que a revista compartilhasse unicamente de suas prerrogativas, as quais se encaminharam em defesa dos postulados totalizantes marxistas que atentavam para o caráter “contraditório e inconsistente do capitalismo”; mas, certamente, essa sequencia anual de publicação nos revela uma tentativa de manter o diálogo entre os “intérpretes” e/ou críticos de Marx continuamente aceso e em aberto. Tanto é que McCarney esteve sempre comprometido em algum tipo de controvérsia. Na última edição de 1993, retomara a arguição que o “jornal político” vinha cultivando a algum tempo com a ideologia do “fim da história”, fornecendo “(...) uma análise geral das fontes intelectuais e tensões teóricas do pensamento de Fukuyama, identificando em particular as influências concorrentes de Alexandre Kojève e Leo Strauss.” (grifo nosso) (NLR 202, 1993: 1) Já um ano antes, iniciara uma contenda em torno da noção

de mais-valia e “direito burguês” para com Norman Geras, o que rendeu boas páginas de *replies* acerca do que Marx entendia como justiça no interior do processo de trabalho capitalista. Este último publicara pelo menos 14 ensaios na *Review* desde sua primeira aparição, em janeiro-fevereiro de 1971, - e, desde então, abrindo frentes de discussão quanto ao fetichismo do capital (NLR 65, 1971: 69 - 85), o estruturalismo althusseriano (NLR 71, 1972: 57 - 86), o marxismo de Rosa Luxemburgo (NLR 89, 1975: 3 - 46) e o pós-marxismo (NLR 163, 1987: 40 - 82) -; sendo que, mais de um terço desses ensaios foram escritos e exibidos somente em um curto intervalo de tempo, entre 1992 e 1997 (NLR 195, 1992; 203, 1994; 209, 1995; 213, 1995; 224, 1997).

Podemos dizer que a preocupação por sobre os fundamentos teóricos do marxismo não apenas estava adquirindo novo ritmo e volume, como também procurando lançar luz sobre temáticas que inquietaram a *New Left* nos anos 1970, tais como a “(...) avaliação crítica da própria tradição Marxista clássica - Marx, Engels, Lênin, Luxemburgo, ou os Austros-Marxistas, juntamente com reavaliações do legado do Stalinismo dentro do movimento trabalhista internacional.” (NLR, 2010: ix) E, nessa condição, retomando novamente as traduções e exposições do “Marxismo Ocidental”, feitas pela revista ainda no final da década de 1960; um *Western Marxism* que, segundo a mesma, “(...) foi visto como uma fonte vital em rejeitar tanto o catecismo autorizado do Comunismo oficial quanto o brando philistinism da social democracia.” (grifo nosso) (Id. Ibid: vii) O contexto para estas reavaliações, entretanto, tivera se alterado substancialmente desde a “queda do muro”; tratava-se agora de pôr a prova o “legado” de Karl Marx em condições que consentiam sua total invalidação a partir de fenômenos visíveis como a hegemonia do capital e a fragmentação dos movimentos sociais entretecidos na lógica particularista pós-moderna.

A NLR, pressionada por tais constrangimentos, procurou operacionalizar uma espécie de “inversão dialética” nos termos marxistas, recuperando e validando seus referenciais teóricos; não de forma a criar um corpo teórico engessado e homogêneo, mas privilegiando um amplo debate - conflitante, inter-relacionado e no qual se engajaram muitos intelectuais - que viesse a contemplar ao mesmo tempo o papel da luta de classes, do trabalho assalariado (mais-valia) e as liberdades democráticas (contrariando o “legado” deixado pela ortodoxia

soviética), como eixos centrais para a exposição das contradições que geriam o “modo de produção capitalista”.

Torna-se válido, nesse ponto, assinalar como os editores expuseram os atritos entre J. McCarney e N. Geras, apontando como ponto inicial dos mesmos o ensaio *The Controversy About Marx and Justice* (NLR 150, 1985: 47 – 85), no qual “(...) Norman Geras argumentou que a crítica do capitalismo de Marx implicou a visão de que este era injusto, embora o próprio Marx não estivesse consciente disso.” (NLR 195, 1992: 2) E continua,

*Nesta edição, Joseph McCarney entra em uma defesa da consistência de Marx sobre a alegação de que, enquanto o contrato de trabalho sob o capitalismo não violar os padrões vigentes do direito burguês, o ‘roubo’ do trabalho excedente do trabalhador coletivo no processo de produção capitalista o faz. Na visão de McCarney, não era Marx, mas o próprio capitalismo que era inconsistente e contraditório. Norman Geras, respondendo para McCarney e outros críticos, defende seu argumento inicial e vai além. Ele aponta que a análise da exploração e do processo de trabalho capitalista de Marx foi informada por profundos e universais, embora não confessados, compromissos morais. Mas em uma importante conclusão, Geras argumenta que o não reconhecido padrão ético de Marx não é a única coisa que o socialismo necessita, uma vez que atribui um privilégio injustificável para os trabalhadores em vez de registrar as reivindicações de todos os despossuídos e desfavorecidos. (Idem)*

Embora privilegie a dissensão e o choque de vozes dissonantes quanto à percepção de Marx sobre a mais-valia, o editorial supracitado - “Pagando pelos anos 1980” - não esboçou qualquer ambiguidade que minasse ou enfraquecesse o materialismo histórico. De outra forma, fez saber que o embate direto entre diferentes pontos de vistas era um caminho bastante plausível para “reconstruir” e/ou “revisar” o marxismo, e, desse modo, alcançar construções analíticas mais criativas que respondessem diretamente aos anseios e expectativas não apenas dos trabalhadores “roubados” em seu “trabalho excedente”, mas também da maioria “despossuída e desfavorecida” pela lógica de acumulação do capital.



## Bibliografia

Blackburn, Robin. Fin de Siècle. Socialism after the Crash. In: *New Left Review*, London, n. 185, p. 5 - 68, jan./fev., 1991.

Derrida, Jacques. Spectres of Marx. In: *New Left Review*, London, n. 205, p. 31 - 58, mai./jun., 1994.

FONTANA, Josep. *História depois do fim da História*. Bauru, SP: EDUSC, 1998.

FONTANA, Josep. *História dos Homens*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

Geras, Norman. Bringing Marx to Justice: An Addendum and Rejoinder. In: *New Left Review*, London, n. 195, p. 37 - 69, set./out., 1992.

\_\_\_\_\_. Democracy and the Ends of Marxism. In: *New Left Review*, London, n. 203, p. 92 - 106, jan./fev., 1994.

\_\_\_\_\_. Language, Truth and Justice. In: *New Left Review*, London, n. 209, p. 110 - 135, jan./fev., 1995.

\_\_\_\_\_. Human Nature and Progress. In: *New Left Review*, London, n. 213, p. 151 - 160, set./out., 1995.

\_\_\_\_\_. Marxists before the Holocaust. In: *New Left Review*, London, n. 224, p. 19 - 38, jul./ago., 1997.

HALLIDAY, Fred. *Repensando as Relações Internacionais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

McCarney, Joseph. The True realm of Freedom: Marxist Philosophy after Communism. In: *New Left Review*, London, n. 189, p. 19 - 38, set./out., 1991.

\_\_\_\_\_. Marx and Justice Again. In: *New Left Review*, London, n. 195, p. 29 - 36, set./out., 1992.

\_\_\_\_\_. Shaping Ends: Reflections on Fukuyama. In: *New Left Review*, London, n. 202, p. 37 - 53, nov./dez., 1993.

McLennan, Gregor. Post-Marxism and the 'Four Sins' of Modernist Theorizing. In: *New Left Review*, London, n. 218, p. 53 - 74, jul./ago., 1996.

THOMPSON, Duncan. *Pessimism of the Intellect? A history of New Left Review*. Merlin Press, 2007.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. *Dez Anos que Abalaram o Século XX. Da Crise do Socialismo à Guerra ao Terrorismo*. Porto Alegre: Leitura Xxi, 2002.

Wollen, Peter. Our Post-Communism: The Legacy of Karl Kautsky. In: *New Left Review*, London, n. 202, p. 85 - 93, nov./dez., 1993.

Wright, Erik Olin. Class Analysis, History and Emacipation. In: *New Left Review*, London, n. 202, p. 15 - 35, nov./dez., 1993.

.